

No Parque Lage, uma nova proposta para o ensino da arte



Um grande número de pessoas encontra no Parque Lage um local ideal para a expansão de sua criatividade

■ A nova diretoria da Escola de Artes Visuais, encabeçada por Rubem Breitman, já está preparando a reforma da estrutura de ensino da instituição. Diz Rubem Breitman:

— Antes de mais nada é preciso transformá-la numa escola livre para interessados em artes plásticas e como o espaço é muito importante para a coletividade, vamos ter abertura para cinema, teatro, leituras de poesias. Estou na direção desde maio, procurando encaminhar o trabalho já feito dentro de uma nova didatização.

Isto quer dizer que a Escola de Artes Visuais se propõe a uma educação não formal, da estrutura e currículos flexíveis, que facilitem a criação de novas disciplinas e o desenvolvimento de experiências pioneiras. Admite um grau de liberdade e experimentação que permita suprir lacunas e carências da educação artística formal. Ao aluno, oferece a oportunidade de um trabalho abrangente e profissionalizante, dentro de uma filosofia de escola livre. E espera, por sua vez, desse aluno, uma atitude responsável diante do seu próprio trabalho. Para a EAV é, assim, importante a intenção dos que a procuram.

A intenção da nova diretoria é tornar a escola um centro de criatividade livre, experimental, de estrutura flexível, onde o aluno seja orientado por artistas profissionais de gabarito reconhecido. Dentro desse princípio, não existe a figura do professor "sabe-tudo" a impor seus conhecimentos a educandos passivos. A relação orientador-aluno estabelece-se dentro de um grupo de trabalho, que coloca o indivíduo numa troca constante de informações com seus colegas.

Pertencente à Secretaria de Educação do Estado, a Escola de Artes Visuais é o único estabelecimento de ensino a funcionar 12 meses ininterruptamente. Foi esta uma das grandes inovações trazidas pela nova diretoria. Se bem que no período considerado "de férias" para a maioria das escolas, a EAV tenha sua frequência bastante diminuída, seu ano letivo começa mesmo em janeiro, sendo dividido em três períodos: de janeiro a abril, de maio a agosto e de setembro a dezembro. Quem escolhe seu período de férias é o próprio aluno. A escola não pára, mas só permite o ingresso de alunos nos meses de janeiro, maio e setembro, quando do início ou reinício de seus cursos.

Outra grande inovação que o ano de 1980 proporciona à EAV é o surgimento de um tipo de aluno muito especial: aquele que despe o paletó e a gravata no final da tarde e arregaa as mangas para dar vazão ao seu potencial criativo. Ou seja, a escola agora funciona também à noite.

As várias modalidades de cursos, os horários flexíveis, a grande liberdade dada ao aluno para que escolha seus cursos como e quando lhe convier, não permitem desculpas do tipo "não tenho tempo para desenvolver minha criatividade".

Praticamente, a EAV oferece três grandes tipos de entrada para seus alunos. Em primeiro lugar, a oficina

de arte, para aqueles que não têm conhecimento suficiente de arte, mas desejam adquiri-lo. Outra entrada é a de um trabalho individual, para o aluno que já tem um bom conhecimento de arte e definiu a sua área. Outra entrada é para um trabalho de grupo, onde algumas pessoas se inscrevem para um trabalho a ser realizado.

Luis Carlos Ripper, cenógrafo e diretor teatral, foi chamado para trabalhar na oficina de cenografia e agora é assessor da diretoria, um dos responsáveis pela reformulação didática da escola, junto com Rubem Breitman e Rizza Conde:

— O que tínhamos antes era uma série de oficinas funcionando. O aluno tinha que se decidir por um antes de seu ingresso. A grande transformação é fazer com que o aluno tenha um período de iniciação mais extenso e mais profundo. São cinco matérias teóricas para ele optar posteriormente, dez professores e aulas diárias.

Em resumo, a grande diferença é que antes o aluno fazia o estudo dentro de uma técnica. Agora, ele tem inicialmente uma cultura humanística em que se incluem cadeiras como antropologia cultural, história da arte, semiologia, teoria da percepção e teoria da comunicação.

Para maior facilidade ainda, há a opção de horários, em três turnos. Se o aluno não puder comparecer a uma aula na parte da manhã, ela será repetida no mesmo dia ou no dia seguinte à tarde e à noite.

Na oficina permanente, primeiro estágio do aluno da EAV, não há tempo nem especialização definidos, ele tem uma iniciação em todas as artes plásticas. Isto porque, dentro da oficina permanente, a tônica não é a auto-expressão, mas a aprendizagem dos elementos e dos rudimentos da linguagem e expressão plásticas. A partir de uma visão analítica, o aluno começa a ver os elementos plásticos em si, destituído de repertórios, conceitos e preconceitos que porventura tragam de fora.

Os orientadores funcionam dando propostas de exercício e fixando objetivos, mas deixam ao aluno o encaminhamento do trabalho. O que importa é o processo e não o produto. E através da avaliação desses processos de trabalho que os orientadores decidirão se o aluno deve passar para uma oficina especializada ou permanecer por mais algum tempo na oficina permanente. E muito com um acontecer que, durante o seu estágio na oficina permanente, o aluno que estava inicialmente interessado por uma técnica, descubra uma outra à qual se adapte bem melhor.

No entanto, a oficina permanente não pode ser considerada um curso básico, porque não vem antes nem depois, está sempre presente. Sempre que necessário, o aluno poderá recorrer à oficina permanente, ou voltar a ela em busca de novos subsídios para o seu trabalho. E, ao deixar seu primeiro estágio na oficina permanente, contará com a orientação dos professores desta oficina, na escolha da oficina especializada que melhor se atenda às suas tendências.

Quando o aluno já tem um portfolio e os orientadores acham que ele pode ir a uma oficina especializada, um professor orientador é designado para auxiliá-lo no tráfego das oficinas especializadas. Se alguém já aparece com um bom portfolio, se já tem trabalhos conhecidos num determinado campo, é também dispensado da oficina permanente e já entra direto na sua especialização.

A oficina especializada funciona o dia inteiro, através de projetos individuais de grupo.

— A grande mudança é que passamos a ser um centro de pesquisa artística — diz Luis Carlos Ripper. — A idéia não é formar artistas, mas dar subsídios aos alunos para que se encontrem. Desapareceu a noção de ano letivo e apareceu a de período letivo: percurso de tempo desde o projeto até o resultado final, que pode ser prático ou teórico.

Dentro desta nova concepção, não há férias, porque férias, para a nova diretoria, parecem absurdas num processo de criação artística. A entrada na oficina permanente é de quatro em quatro meses, mas o aluno pode, se quiser, interromper um tempo e voltar depois, só que sua passagem para a oficina especializada se dará apenas quando tiver um cabedal suficiente de conhecimentos. Dentro deste esquema, é o próprio aluno quem escolhe o período e a duração de suas férias.

Segundo Ripper, o respaldo da mudança é o aluno quem dá e isso eles estão tendo.

— Não é só uma ocupação de tempo" — diz Rubem Breitman. — E vida e arte — diz Luis Carlos Ripper.

As oficinas especializadas são 33, além do atelier livre. Ripper diz que estão previstas para 1980 cinco novas oficinas: teatro de animação, oficina de arte na educação (para atualização e reciclagem de professores em geral e principalmente professores de educação artística; oficina de projeto gráfico (que vai centralizar o setor de oficinas ligadas à arte gráfica); oficina de tecnologia alternativa (para desenvolver e implantar projetos de equipamentos úteis à comunidade); oficina de luminotécnica teatral (que vai funcionar integrada às oficinas de cenografia e de animação de bonecos).

Nova também é a oficina do corpo, dedicada ao estudo do modelo vivo

através do "sensitive training" e do estudo de anatomia, utilizando a fotografia e o desenho como meios de expressão. Antes, o modelo era só um modelo, um curso de desenho acadêmico. Agora, o aluno não vai mais aprender a desenhar, ele vai aprofundar o que já aprendeu na oficina permanente. Esta é a oficina de técnicas em suporte bidimensional são as únicas que têm horário fixo. Nesta última, o aluno aprende tudo o que não é gravura nem desenho (aquarela, guache, acrílico, tempera, lápis etc.).

— Aqui é principalmente um lugar sem preconceitos — diz Luis Carlos Ripper. — Há velhos convivendo com adolescentes, a faixa de idade dos alunos vai de 16 a 70 anos. Isso cria uma dificuldade no sentido de harmonizar experiências, mas, por outro lado, forma um laboratório vivo de integração de gerações. Não há exigência de qualquer curso anterior, a pessoa interessada pode entrar em qualquer nível, embora a oficina permanente tenda a dar ao aluno uma cultura necessária.

O ingresso na escola custa Cr\$ 400, taxa que continua mensalente, em qualquer nível, exceto nos cursos de verão. Sobre exposições e eventos na EAV, diz Ripper:

— O nosso esforço é de transformação e contemporização, em que um encaminhamento mais didático integrado de eventos e cursos seja nítido. A gente tenta uma continuidade e aprofundamento nos processos vividos. Uma integração alunos-professores e alunos-alunos. Buscamos um compromisso do artista com o seu tempo e sua obra. A escola passa a ser uma metodologia de prioridade, para chegar aos seus objetivos.

Como novidade, este ano a EAV iniciou eventos integrados com os cursos sazonais de verão-outono e inverno-primavera, em que um é sempre continuação do outro. Este é um terceiro sistema de ingresso na escola, em que o aluno é atraído por um curso especializado.

Segundo Rubem Breitman, o aluno precisa sempre de uma reciclagem e para isso existem os cursos sazonais, sempre dados por grandes artistas na sua especialidade. Agora, por exemplo, Dionísio del Sarto dá aulas de serigrafia, Carlos Martins de gravura em metal, Alair Gomes de fotografia, José Lima de xilogravura e Luis da Rocha Miranda de pintura.